

EDUCAÇÃO COM E PARA A DIVERSIDADE NA UFPR LITORAL E NO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS

Lenir Maristela Silva¹

Resumo

Este ensaio traz uma descrição comentada e fundamentada a respeito dos processos de uma educação com e para a diversidade que ocorre na UFPR Litoral – Universidade Federal do Paraná, na cidade de Matinhos, Paraná no Curso de Licenciatura em Ciências. Lenir Maristela Silva é a educadora que relata este ensaio. Atua no Curso desde 2009, tendo também além da docência ocupado funções de coordenação dentre outras.

Palavras Chave: Alternativas. Nova Educação. Emancipação.

¹ UFPR Litoral – E-mail: lenirbotanica@gmail.com

EDUCATION WITH AND FOR DIVERSITY IN UFPR LITORAL AND IN THE DEGREE IN SCIENCE

Abstract

This essay presents a commented and grounded description about the processes of an education with and for the diversity that takes place in UFPR Litoral - Federal University of Paraná, in the city of Matinhos, Paraná, Brazil. Lenir Maristela Silva is the educator who reports on this essay. She has been working in the Course since 2009, and also has teaching and other coordination functions.

Keywords: Alternatives. New Education. Emancipation.

Introdução

O sujeito não se separa da prática

A humildade exprime, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém. – Paulo Freire

A Lenir que aqui escreve nasceu em 1964 numa família de pequenos camponeses descendentes de imigrantes, com pais semianalfabetos, de gênero heterossexual, cuja história foi marcada fortemente em função de carregar sequelas de poliomielite desde seu ano e meio de vida. Separou-se do primeiro casamento aos 26 anos, tendo deste gerado um menino. Enfrentou preconceitos por ser uma “mulher separada” por dez anos e ter um filho. Resistente e apoiada por um pai de certa forma feminista concluiu a Licenciatura, atuou em escolas públicas por oito anos até tornar-se docente de ensino superior em 1994, através de concurso público numa instituição federal, o que possibilitou a realização de mestrado e doutorado. Trabalhou por 17 anos na Universidade Tecnológica Federal do Paraná e em 2009 redistribuiu-se para a Universidade Federal do Paraná, onde encantou-se com um projeto educacional que havia nascido em 2005 no litoral do Paraná.

A universidade que sonhei

A trajetória da UFPR Litoral nesses 13 anos marca a existência de um projeto político pedagógico ousado e único no Brasil que se iniciou num momento ímpar em nosso país: o momento em que pela primeira vez um integrante da classe trabalhadora é eleito presidente do Brasil, no ano de 2002. A partir disso a Educação brasileira passou a receber muitas políticas públicas, dentre essas a ampliação de cursos e vagas nas universidades federais e a interiorização dos campi universitários.

Aproveitando esse instante nosso reitor na ocasião, março de 2005, assinou o pacto denominado de “Termo de Cooperação Técnica” entre a UFPR, o governo do estado do Paraná, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, a Universidade Estadual do Paraná e a Prefeitura Municipal de Matinhos com o objetivo de ofertar cursos de graduação, cursos técnicos e desenvolver atividades universitárias de ensino, pesquisa e extensão objetivando formar agentes sociais que contribuíssem para o desenvolvimento humano, cultural e econômico da região do litoral do Paraná. Região essa precursora do Estado do Paraná, mas desde sempre alijada dos processos de desenvolvimento, principalmente, o ecodesenvolvimento para a melhoria da qualidade de vida dos moradores permanentes. Assim as atividades da UFPR litoral iniciaram em agosto de 2005 como resultado de políticas educacionais inclusivas, propondo-se inovadoras e de responsabilidade social no plano de expansão do governo federal da década de 2000. Inovadora, em função de o Pró-reitor na época, Valdo José Cavallet, ser um educador alinhado com as Novas Alternativas Educacionais e muito disposto a lutar para que esse campus não reproduzisse modelos curriculares tradicionais e conservadores.

O Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral desenha um currículo base para todos os quatorze Cursos. Uma base que fundamenta solidamente a

diversidade, pois, além da carga horária necessária aos Fundamentos Teóricos Práticos dos Cursos, dispõe uma carga horária para as Interações Culturais e Humanísticas (ICH) e outra carga horária para os Projetos de Aprendizagem (PA). As ICH e os PA têm dias consagrados na semana, ou seja, todas as quartas-feiras estudantes em turmas mistas (diversos cursos e níveis) se encontram para dialogar e estudar sobre algo demandado (pelos estudantes ou pelos docentes de modo geral). As atividades de Interações Culturais e Humanísticas ao longo desses 13 anos de UFPR Litoral são as mais diversificadas e envolvem fortemente as artes, as culturas, a literatura, o folclore, a educação, o meio ambiente e demais temáticas inerentes a formação humana focada nos direitos humanos. Já os Projetos de Aprendizagem têm a sexta-feira como marca da liberdade de o estudante projetar e executar algo de seu interesse ao longo do Curso. Essa atividade não pode ser confundida com Trabalho de Conclusão de Curso, costumeiramente constante nos PPC, mas constitui-se de projetos que tenham relevância ao desenvolvimento regional e com compromissos sociais. Clareando, numa ocasião uma estudante realiza uma ICH, mediada por mim, denominada Feito à Mão, na cidade de Morretes a cerca de 50 Km da sede da UFPR Litoral. Essa ICH consistia em nos deslocarmos (educadores e estudantes interessados) com o ônibus da universidade todas as quartas-feiras à tarde para encontrar uma comunidade carente, que havia perdido suas casas em uma grande enchente, e desenvolver juntamente com eles atividades de artesanato com identidade local. Dentre as pessoas havia artesãs tradicionais da região. Uma delas, confeccionava objetos trançados com cipó. Como o projeto de Aprendizagem da estudante se tratava da relação Ciências e Artesanato, esta passou a acompanhar e entrevistar a artesã. Ao final o produto do PA da estudante foi um catálogo com a história e fotos dos produtos da artesã. Deste foram feitas cem cópias que foram entregues de presente a ela. Essa senhora nos seus mais de 60 anos, portava uma pasta com recortes velhos de revistas que continham artesanatos com cipó e não tinha noções de

cálculo de custo dos seus produtos. Ela pagava para uma pessoa coletar o cipó (na lua adequada), depois ficava dias lavando, secando e preparando os cipós para tecer. No entanto, não contabilizava todo esse tempo para o cálculo do preço de seus produtos. Realizamos atividades que fizeram com que ela percebesse que ganhava menos do que uma diarista da região por hora trabalhada. Era muito comum que ela vendesse seus produtos a atravessadores do litoral de Santa Catarina por dois reais a unidade e esses revendessem a quinze reais a unidade. Na parceria a estudante consolidou uma análise da relação entre Ciência e Etnociência e aprendeu aspectos dos direitos humanos e da diversidade que num currículo tradicional de educação bancária não teria sido possível.

O Curso de Licenciatura em Ciências e a valorização da diferença

O Curso de Licenciatura em Ciências, iniciado em 2008 (FIG.01), além de conter nos Fundamentos Teóricos Práticos um módulo de 135 horas-aula denominado “Docência diversidade e Inclusão” apresenta muitos processos que marcam a valorização da diversidade. Um desses, já no primeiro semestre do Curso é a presença de um módulo denominado Reconhecimento e Integração. Nesse módulo ocorre pesquisa, discussão e diálogos sobre o litoral paranaense e suas problemáticas regionais ambientais, sociais, históricas, culturais, dentre outras. Durante o semestre os estudantes realizam várias viagens de estudo o que possibilita reconhecimento e valorização da própria comunidade local e sua história.

Dentre outras atividades importantes de abordagem das diferenças há análise crítica de livros didáticos que detêm um parco destaque a contribuição das mulheres na Ciência e ao descaso das imagens dos corpos humanos que não representam à diversidade, mas sim o corpo branco, jovem e idealizado pela norma colonizadora, além da ausência da biologia do envelhecimento humano em seus aspectos biopsicossociais. Evidentemente, a questão da diversidade e da

valorização da identidade brasileira no que refere aos seres vivos de modo geral é fortemente debatida em vários módulos e momentos.

Os temas diversidade e diferença ganharam visibilidade nas duas últimas décadas do século XX e início do XXI, com o crescente acirramento das lutas identitárias, culturais, étnicas e raciais, assim como das políticas afirmativas no Brasil e no mundo. Infelizmente, concepções de gênero, etnia e situação sócio-econômica têm sido discutidas como se fossem naturais na sociedade, sem que sejam contextualizadas. (Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues, 2009, p. 182,183)

Considero aqui a diversidade não como antônimo de homogeneidade, mas a diversidade como multiplicidade de culturas onde a diversidade se insere em algo maior mais adiante, em um complexo de significados, crenças e valores que nos constituem e norteiam os pensamentos, discursos e verdades sociais.

Se tentarmos pensar o fato de que somos seres simultaneamente físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais é evidente que a complexidade reside no fato de se tentar conceber a articulação, a identidade e a diferença entre todos estes aspectos, enquanto o pensamento simplificador ou separa estes diferentes aspectos ou os unifica através de uma redução mutiladora (Morin, 2002, p. 138).

FIGURA 01 - Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Ciências - UFPR Litoral, 2014.

1ª FASE – CONHECER E COMPREENDER

ANO	Semestre	Unidade curricular	Carga Horária		
			Teórica	Prática	Campo
1º ANO	I	Integração e Reconhecimento	30	30	30
		Concepções de Ciência e Educação	60	60	15
		Interações Culturais e Humanísticas	60	-	
		Projetos de Aprendizagem	60	-	
		<i>Carga Horária</i>	345		
	II	Estágio supervisionado I	105	-	
		Ciências da Natureza e Educação	60	60	15
		Interações Culturais e Humanísticas	60	-	
		Projetos de Aprendizagem	60	-	
		<i>Carga Horária</i>	360		

2ª FASE – COMPREENDER E PROPOR

ANO	Semestre	Unidade curricular	Carga Horária		
			Teórica	Prática	Campo
2º ANO	I	Ciências Físicas e Químicas, cotidiano e prática de ensino	60	60	15
		Estágio Supervisionado II	105	-	
		Interações Culturais e Humanísticas	60	-	
		Projetos de Aprendizagem	60	-	
		<i>Carga Horária</i>	360		
	II	Docência diversidade e Inclusão	60	60	15
		Libras	60	-	
		Interações Culturais e Humanísticas	60	-	
		Projetos de Aprendizagem	60	-	
		<i>Carga Horária</i>	315		
3º ANO	I	Ciências Químicas e Biológicas, cotidiano e prática de ensino	60	60	15
		Estágio Supervisionado III	105		
		Interações Culturais e Humanísticas	60		
		Projetos de Aprendizagem	60		
		<i>Carga Horária</i>	360		
	II	Ciências Biológicas e Físicas, cotidiano e prática de ensino	60	60	15
		Estágio Supervisionado IV	105	-	
		Interações Culturais e Humanísticas	60	-	
		Projetos de Aprendizagem	60	-	
		<i>Carga Horária</i>	360		

3ª FASE – PROPOR E AGIR

	Semestre	Unidade curricular	Carga Horária		
			Teórica	Prática	Campo
4º ANO	I	Vivências de docência, relação Ciências e Sociedade e Prática de Ensino	120	60	15
		Interações Culturais e Humanísticas	60	-	
		Projetos de Aprendizagem	60	-	
		<i>Carga Horária</i>	315		
	II	Vivências de docência, relação Ciências e Meio Ambiente e Prática de Ensino	120	60	15
		Interações Culturais e Humanísticas	60		
		Projetos de Aprendizagem	60		
		<i>Carga Horária</i>	315		

CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO

Eixo Curricular	CH
Fundamentos Teórico-Práticos (FTP) e Prática Ensino	1340
Interações Culturais e Humanísticas (ICH)	480
Projetos de Aprendizagem (PA)	480
Estágio Supervisionado	420
Atividades Formativas	300
<i>CARGA HORÁRIA TOTAL</i>	3020

Fonte: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/PPC-LicCiencias-2014-VERSAO-APROVADA-PELA-PROGRAD.pdf>

Para além de conteúdos e contextos a valorização da diversidade no Curso de Lic. em Ciências também se aplica nas metodologias de aprendizagem e nos processos avaliativos. A roda de conversa ou pedagogia da roda é a dinâmica para todos os encontros coletivos. Maria Montessori, Celestin Freinet, Tião Rocha, José Pacheco e Paulo Freire sustentam teoricamente essa dinâmica, pois a

mesma é muito importante para estimular a aprendizagem com o outro e a partir do outro. Proporciona o desenvolvimento da oralidade. Povos tradicionais praticavam e praticam o hábito de sentar em roda para que uma geração aprenda com a outra e para que sejam resolvidos conflitos importantes da comunidade. O formato de roda, proporciona também que se entenda que todos podem se ver ao mesmo tempo, se conhecendo até mesmo pelo simples olhar. Com paciência e sabedoria, aprendem a respeitar a vez do outro: ao falar e escutar. Todos têm uma importante contribuição com ideias e conhecimentos, ninguém fica de fora. O docente tem sempre o papel de mediador da aprendizagem.

A ideia de um professor que media aparece em teóricos como Célestin Freinet (1896-1966) e Janusz Korczak (1878-1942) colocando o papel do professor como aquele que apoia o acesso ao conhecimento e não aquele que o detém. Paulo Freire (1921-1997) em suas falas e obras sempre apontou que o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem cujo, ao passo que ensina, também aprende. Professor e estudante aprendem juntos, em um encontro democrático e afetivo, em que todos podem se expressar. Rubem Alves (1933-2014), sempre afirmou que a função de um professor é instigar o estudante a ter gosto e vontade de aprender, ou seja, de abraçar o conhecimento.

Na fotobiografia de Paulo Freire, (Brandão, 2005, p. 55) vê-se imagens dele e de outras pessoas reunidos em roda realizando o que ele denominou Círculos de Cultura. Isso iniciou-se na década de 1960 no Recife. Sistematizados por Freire (1991) os Círculos de Cultura fundamentam-se em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. Para Freire, essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valori-

zação das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se à visão elitista de educação. Concebidos na década de 1960, como grupos compostos por trabalhadores populares, que se reuniam sob a coordenação de um educador, com o objetivo de debater assuntos temáticos, do interesse dos próprios trabalhadores, cabendo ao educador-coordenador tratar a temática trazida pelo grupo. Surgem no âmbito das experiências de alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte e Pernambuco e do Movimento de Cultura Popular. Não tinham a alfabetização como objetivo central, mas a perspectiva de contribuir para que as pessoas assumissem sua dignidade como seres humanos e se percebessem detentores de sua história e de sua cultura, promovendo a ampliação do olhar sobre a realidade.

No que se refere a avaliação no Curso de Lic. em Ciências da UFPR Litoral essa é fortemente ancorada na abordagem qualitativa. Os estudantes não realizam provas de memorização, mas vivenciam metodologias diversas com variáveis de avaliação firmadas junto ao contrato didático de cada início de semestre entre os educadores de docência compartilhada e o grupo de estudantes de cada turma. Levamos em consideração a auto avaliação e a teoria das inteligências múltiplas (GARDNER, 1983).

O estágio supervisionado ocorre a partir do segundo ano e é comum seu desenvolvimento concomitante aos módulos de FTP e muitas vezes nas escolas de educação básica, num processo único prático e teórico. Mediamos a relação dialógica do conhecimento produzido com o real concreto (FREIRE, 1996). Trago o exemplo de um semestre de 2018 em que eu e mais dois colegas mediamos os módulos “Ciências Físicas e Químicas, Cotidiano e Prática de Ensino” e o “Estágio Supervisionado II”. Os encontros (aulas) aconteceram no Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos de Matinhos, localizado no bairro Tabuleiro e no período noturno em duas turmas da EJA - Educação de Jovens e Adultos. Tinha-

mos uma terceira sala só para os estudantes do Curso realizarem estudos e planejamentos enquanto os estudantes da EJA tinham outras aulas. O público que o Colégio atende no noturno corresponde a sujeitos oriundos de uma realidade socioeconômica bastante precária. O bairro na cidade é identificado como muito violento em função do tráfico de drogas. Os estudantes ao mesmo tempo em que estudavam conceitos de Física e Química do cotidiano tiveram a oportunidade de realizar a docência nas turmas de EJA. Com isso os fundamentos da prática pedagógica emergiam concomitante a aprendizagem de Química e Física. As questões da diversidade humana, social, cultural, educacional e econômica estiveram ali e não puderam ser ignoradas. Nesse contexto cada um de nós educadores, precisamos, sobretudo, esforçar-nos em sermos, não apenas um “profissional”, mas um “intelectual”, preocupado com a relação entre nosso trabalho e o todo social (ADORNO, 2003).

Considerações finais

Para finalizar esse ensaio pergunto aos leitores: algum de vocês já sofreu alguma discriminação por ser: negro, mulher, obeso, pobre, canhoto, estrábico, falar diferente, ter uma deficiência, ser homossexual, ser careca, ter cabelos crespos, ser indígena, camponês, quilombola...? Pois é, parece que as diferenças são as marcas mais importantes da nossa ampla riqueza humana e como educadores é nosso dever converter isso em norma, não é mesmo? Porém, sem atuarmos com afinco nas mudanças dos Projetos Pedagógicos hegemônicos de educação bancária não será possível mediar a emancipação dos sujeitos à transformação social. Muita luta ainda precisa vir de educadores ousados, corajosos, persistentes e eu continuo acreditando que vale muito a pena. Ver o brilho nos olhos dos estudantes e de toda a comunidade envolvida é o nosso maior incentivo. Como diz uma educadora amiga Hélia Alice dos Santos que criou a Pro-CREP

(Criar, Reciclar, Educar e Preservar) em Palhoça Santa Catarina, há mais de 20 anos, “nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos”.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; LEVCOVITZ, Diana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Infâncias em Educação Infantil. In: Pro-Posições. Vol. 23, n. 03. Campinas: Unicamp, 2009.

ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003, 190p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia / Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Mercado Cultural, 2005. 140 p.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144 p.

_____, P. Educação como prática de liberdade. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, c1994. Publicado originalmente em inglês com o título: The frames of the mind: the Theory of Multiple Intelligences, em 1983.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SOUZA, Jessé. A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

Recebido 31/01/2019
Aprovado 31/01/2019